

ANTUNES, António Lobo. *Quarto Livro de Crónicas. Alfragide: Dom Quixote*, 2011

André Corrêa de Sá

As crónicas de António Lobo Antunes possuem, cada vez mais, uma voz surpreendente para interagir com a realidade do tempo em que vivemos. São primariamente textos para a imprensa, que saem quinzenalmente na revista *Visão*. E a estratégia do autor é deliberada: se não deixa de ser legítimo que o autor as qualifique como textozitos para os leitores de fim-de-semana, que escreve de uma assentada na mesa da cozinha porque lhe faz jeito o dinheiro que a revista lhe paga, é tão legítimo afirmar que se impregnam, tanto no viço estilístico como nas entoações temáticas, do temperamento literário em que o autor dos romances se inscreve por inteiro. Não demora muito, aliás, a apercebermo-nos, em quase todas, de que as crónicas são indestrinçáveis desse universo romanescos.

Universidade de Évora

Nas crónicas estamos simultaneamente perto do romances já publicados e dos romances que talvez venham a ser escritos. Isto em todos os quatro volumes já coligidos, compostos de núcleos temáticos mais ou menos identificados: há textos com registo manifestamente autobiográfico («O António a dar corda à esperança», por exemplo, falando da relação com o pai, ou «Variações sobre o silêncio»), outros em que a linha ficcional é dominante («Migalhas»), alguns de homenagem a pessoas concretas (como «Zé», dedicada a um camarada de guerra morto num acidente de viação), e, sobretudo neste volume, uma importante série de crónicas dedicadas à arte da escrita («Crónica para aqueles que vão escrever», «Eu, às vezes», «A melhor maneira é a única boa», «Onde o pobre escritor começa»).

A maioria destas 79 crónicas começa com a ativação de fragmentos de memórias, episódios soltos, recorrências obsessivas, que com frequência estão ambigualmente colados à experiência pessoal do escritor. Tal como sucede na orquestração dos romances, é a memória que se mantém como o gás propulsor da narrativa. Mas primeiro existe o silêncio, e é esse, sobretudo, que importa ao autor decantar sobre a textura da realidade. O poder de observação de Lobo Antunes trata de exercitar, em duas páginas, uma implosão devidamente concentrada dessas tantas experiências de mundo que, em distintos graus de consciência, amontoamos, suspensas, no meio de um silêncio interior. As vozes ensurdecidas são amplificadas e delas se extraem tão belas sínteses do humano: daquilo que à primeira vista, é preciso que se refira, não passa de uma mescla comum, corroída, de trágico e grotesco. Talvez por isso me apeteça dizer que as crónicas, no contexto onde originalmente aparecem, se assemelhem à vertigem de um poço em que somos levados a cair de cabeça.

Há uma espécie de densidade espumosa nos recortes de universos em que, por meio de injunções bruscas, somos posicionados. Falando com ele próprio, ou com alguém ausente, o narrador está naquele recanto momentâneo também a falar connosco.

O tom é essencialmente o de uma conversa intimista, em voz baixa, que nos desarma antes de nos tocar por dentro. O seu ritmo, seriamente vinculativo, provoca uma tensão de rutura com o restante conteúdo da revista. Nem todos aceitam este protocolo. Eu abro a revista, primeiro que tudo, para ler a crónica. Mas, para isso, tal como nos romances, é necessário assumir um pacto de leitura, ou uma esfera específica de ressonância, para dizê-lo noutra fórmula.

Há, portanto, uma condição comunicativa a que precisamos de aceder. O foco de Lobo Antunes está sem medo sobre aquilo que para muitos escritores é impronunciável: a imensa riqueza de qualquer pessoa. E uma das suas qualidades mais específicas é a de descobrir um núcleo de claridade em qualquer destes meios, constelações de cafezitos, restaurantezitos, de pequenos vigaristas, prostitutas, travestis, reformados miseráveis. Onde o que cintila é o desprezível, o detestável, o desgraçado. Olhemos, para apontar um só exemplo, a crónica «O grande Borges», em que o escritor, que não tem substância para além dos livros, se assimila a um velhote bêbado que vive perto do sítio onde escreve. Só assim, experimentando reflexos em espelhos inverosímeis, é que seremos capazes de encontrar, no meio das pequenas tragédias ensurdecidas, a inesgotável dignidade humana que o autor nos quer fazer experimentar.

Claro, a esfera cénica é nitidamente antuniana. Quase tudo se passa no mesmo bairro, o da Estefânia, não um bairro, uma ilha, a partir da qual podemos reconstituir, em gestos mais empáticos, uma visão renovada sobre as pessoas do nosso país. Tal como nos romances, há uma opção discursiva que assume os esforços de diagnosticar a doença que impede as pessoas de serem felizes, de acordarem do universo amargurado em que vivem: «Por que carga de água vivemos tão mal? (p.89).

A crónica que abre com a interrogação que acabei de transcrever será, nessa perspetiva, uma das mais exemplares que *Quarto livro de crónicas* nos oferece. Permite-nos, por si só, fixar um

dos sentidos de leitura que nos parece mais importante nesta coleção de textos. O título introduz-nos logo num forte halo sugestivo: «Crónica escrita pelo filho de Calamity Jane». Como começa num tom autobiográfico, e com o pretexto de contrariar a infelicidade resignada em que a maior parte das pessoas se deixa viver, o relato deriva pelo enaltecimento do submundo de prostituição e pequena criminalidade da zona daquela zona de Lisboa para, num desfecho inesperado, a voz do narrador assumir a vontade de uma realidade materna paralela àquela que foi a sua: «Desde criança que sonho ser filho de Calamity Jane» (p. 92).

A confissão desse sonho produz-se em primeira mão na intenção de um riso leve, adequado ao registo cronístico tradicional e que é comum no estilo de Lobo Antunes e que, neste mesmo caso, sirva de remate para o traço sarcástico que espreita em permanência no elogio à arte governativa dos proxenetas. Que filho seria este? E por isso, escolher ser filho de tão indomável mulher é uma preferência a partir da qual posso experimentar uma outra ilação, extensível, numa corrente subterrânea, a um fundo tonal dominante nestes pequenos relatos. Num contexto de falta de afeto materno, a aventureira do velho oeste Calamity Jane seria a progenitora desejada. Mais do que uma peregrinação pelo tempo que passou, tratam estas crónicas, essencialmente, de uma peregrinação pelo espaço. Do mundo quer-se que seja uma expansão do útero materno. Não é senão o que nos confia na página 146, sempre em voz baixa: «devo ter sido muito feliz na barriga da minha mãe, por dentro da sua voz, do seu sangue».

Num clima de ironia autorreflexiva, afirmar a possibilidade de renascer daquilo de onde se foi configura-nos, sem dúvida, o apelo a um horizonte onde a irredutibilidade do afeto permita manter sobre o mundo um polo de curiosidade infantil, sempre pronta a ser surpreendida por pequeníssimas coisas. Não estaríamos errados, nesta perspetiva, se assegurássemos que a atividade da escrita conflui num universo de apelos, como se diz na página 123: «E nisto, no lugar escuro onde fiquei, tu vens de repente e pegas-me na mão».

Além do mais, é verdade que na voz adulta que suporta a narração de muitas destas crónicas desvendamos, sem dificuldades de maior, a criança de antigamente, ávida pelo afeto materno, como na «Crónica antiga que achei numa gaveta». Porque não são senão os passos desses indivíduos, procurando a voz da mãe, que se fazem subterraneamente ouvir numa camada profunda em todas as crónicas.

Em contraponto à angústia da noite, anuncia-se nelas um repto de imperecibilidade, uma vontade de encontrar a claridade que nos faça continuar a resistir às angústias da vida, de que a crónica «Com tão pouca coisa se constrói o mundo» nos dá uma intuição para todo o livro: «começo a entender aquilo de que não tinha ideia, a habituar-me à esperança, à certeza» (p.22). Os heróis solitários não fazem parte destas cartografias humanas. Nisso, há uma orgânica comum a todos os textos. Aqueles que vivem sozinhos deixam-nos quase sempre a esperança de poder viver um futuro partilhado, em ressonância, nem que seja com o vizinho do segundo andar: um pouco velho de mais, e sem graça, mas também vive sozinho e talvez o colchão, aos dois, nos aceite melhor que a um sozinho, como se conta em «Adelaide».

Num corpo e numa alma duramente fragilizados pela doença, há que repor os níveis anímicos a partir da célula da escrita. As crónicas também têm essa função, ou esse efeito. Como é típico da narração antuniana, o presente parece estar permanentemente em suspenso, em conflito com o passado obsessivo. A hipótese de viver feliz joga-se nesse confronto e, como numa guerra, a dignidade dos homens mede-se pela elegância com que aguentam o horror. Talvez por isso a pergunta fundamental se mantenha, como uma espuma, a filtrar das misérias uma voz em expectativa: «O que esperam, o que desejam ainda?» (p. 221).